Representação Midiática do Atleta com Deficiência na Mídia Brasileira e Portuguesa – do coitadinho a super-herói[1]

Tatiane HILGEMBERG[2]

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

RESUMO

Desde os seus primórdios a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência apondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na atualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito para com a pessoa/atleta com deficiência é ainda prevalecente. Todo o indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado. O objetivo deste artigo é analisar o tratamento midiático devotado aos atletas paralímpicos na mídia Brasileira e Portuguesa nos Jogos Paralímpicos de Pequim-08. Pela nossa análise pudemos, sumariamente, concluir que a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos no Brasil e em Portugal tem mais similaridades do que diferenças. Além disso, percebemos que ambos os estereótipos, o coitadinho e super-herói foram utilizados.

PALAVRAS-CHAVE

Atletas Paralímpicos; Mídia; Portugal, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação constitui um elemento fundamental, para não se dizer vital, para os seres humanos sendo os meios de comunicação de massa "(…) um factor de importância determinante e com um lugar central no funcionamento da sociedade" (CORREIA, 2000, p. 13).

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Email: tatianehilgemberg@gmail.com

Apesar de encontrarmos respostas diametralmente opostas à questão "De que forma os meios de comunicação influenciam no comportamento das audiências?", podemos afirmar que a mídia é um dos fatores, direta ou indiretamente, interfere nas formas de conhecer, pensar e agir (ibidem) do público, influencia "(…) nos modos de conhecer e interpretar a realidade, nas concepções e aspirações, nos hábitos e comportamentos, nas orientações e princípios que inspiram as formas de relacionamento e de intervenção na vida social" (Ibid., p. 16).

Portanto ao produzir uma mensagem a mídia também produz sentido. Pelo exposto percebemos a importância dos meios de comunicação em relação às pessoas com deficiência, pois a pouca informação e contato de que dispomos sobre a questão da deficiência advém da mídia (PEREIRA, 2008), dando a ela, portanto, o poder sobre o tipo de informação veiculada, e os estereótipos associados. Numa sociedade influenciada pelos meios de comunicação, estes podem ter um grande impacto em nosso conhecimento e atitude acerca das pessoas com deficiência. Por lidarem com a produção, reprodução e disseminação de informação que fundamentam a compreensão de grupos sociais – visão social e auto-imagem –, a mídia se tornou um instrumento chave na divulgação e criação de representações sociais.

> As representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações (ALEXANDRE, 2001).

De fato, foram apenas nos últimos 200 anos que as políticas a favor das pessoas com deficiência apareceram. Desde os seus primórdios que a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência apondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na atualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito para com a pessoa com deficiência é ainda prevalecente. Todo o indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado, sendo que tal como afirma Pontes (2001), o estigma não está nem no sujeito, nem na deficiência, mas nos "valores culturais estabelecidos pela sociedade que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a estas determinados rótulos sociais". Marques (2001) refere que os estereótipos são aplicados às pessoas com deficiência, pois são socialmente tidas como incapazes e improdutivas, e biologicamente consideradas "anormais" (modelo médico).

Uma das facetas que mais tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e facilitado o processo de integração na sociedade e na mídia, é fenômeno do esporte. Os Jogos Paralímpicos assumiram-se como corolário e expoente máximo do desporto adaptado com um número crescente tanto de países como de atletas participantes em cada edição.

O tratamento midiático dado ao paralimpismo confere ao deporto adaptado uma consideração social, que pode trazer prejuízos ou benefícios ao desenvolvimento do mesmo bem como à integração das populações com deficiência. (AUSLANDER e GOLD, 1999; CALVO, 2001). De acordo com Marques (2001) as vezes o uso de certo termos, muito difundidos e aparentemente inocentes, reforça preconceitos. Além disso, ao se analisar a atuação da mídia no sistema de representações e discursos referentes ao atleta com deficiência, percebe-se que esta geralmente retrata essas pessoas de forma irreal e estereotipadamente. Schell e Duncan (1999), por exemplo, examinaram a cobertura televisiva Norte-Americana dos Jogos Paralímpicos de 1996, enquanto Schantz e Gilbert (2001) analisaram a cobertura da imprensa escrita Francesa e Alemã, enfatizando a terminologia utilizada, os estereótipos presentes e os temas mais frequentes. Mais recentemente, Thomas e Smith (2003) exploraram a cobertura da imprensa escrita Britânica das Paralimpíadas de 2000 em Sydney, focando particularmente na terminologia utilizada para descrever os atletas com deficiência, e a linguagem e imagens usadas para retratar as performances. É de se notar, que os resultados desses estudos apontam, em graus diferentes, para questões semelhantes. Todos os estudos mencionados revelaram que a mídia (tanto audiovisual, quanto escrita) tende a descrever as performances dos atletas com deficiência de forma relativamente consistente com o modelo médico. Sendo assim, estes atletas tendem a ser retratados como “vítimas” ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento esportivo, um super-herói.

Este estereótipo deixa a impressão de que a pessoa com deficiência para se ajustar terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (SCHELL e DUNCAN, 1999). O modelo do super-herói viria reforçar as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004), e enfatizar o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem; como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (SCHANTZ e GILBERT, 2001). O que depreende-se deste discurso é que as pessoas sem deficiência, quando bem sucedidas nos seus

empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto aquelas que têm alguma deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o "mal" que os aflige.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar o tratamento midiático devotado aos atletas paralímpicos na mídia Brasileira e Portuguesa nos Jogos Paralímpicos de Pequim-08.

2. MODELO MÉDICO

Nas sociedades ocidentais a confluência entre medicina e ciência teve um profundo efeito sobre a forma com que a sociedade entende e aceita as diferenças. Isto se dá devido à autoridade científica fundamentada na tecnologia da medicina que oferece um senso de legitimidade, confiança e previsibilidade. Aqueles que possuem o domínio sobre o conhecimento de uma determinada área têm o poder ou a autoridade para estabelecer discursos e padrões, que se tornam difíceis de contradizer sem a ajuda de um grupo alternativo de especialistas (BRITTAIN, 2004).

No modelo médico, também conhecido como individual ou tradicional, a deficiência é vista como um problema que precisa ser tratado. Através deste modelo busca-se que as pessoas com deficiência sejam, ou voltem a ser, funcionais para que assim possam ser integradas à sociedade (KAMA, 2004). Este modelo trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experenciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES et al, 1999). Também adota as definições e percepções nas quais a deficiência é tida como uma incapacidade de um indivíduo e que resulta na perda ou limitação de uma função (THOMAS e SMITH, 2009).

As pessoas com deficiência não são vistas como indivíduos independentes, e os impedimentos são sempre construídos pela deficiência e não pela sociedade, como por exemplo a inacessibilidade, a discriminação, o preconceito, etc. Este padrão de representação do modelo é conhecido como tragédia pessoal. Esta narrativa dissocia a pessoa com deficiência do contexto social e cultural, e os indivíduos passam a ser tratados como vítimas dependentes da assistência e atenção de outros.

3. MODELO SOCIAL

Face à crescente insatisfação com a explicação medicalizada dominante que prevaleceu durante o século XX, este pensamento e prática ortodoxos começaram a ser questionados por diversas organizações autônomas a partir do final dos anos 60 quando ativistas, especificamente pessoas com deficiência, se organizaram e ergueram bandeiras contra o modelo vigente (THOMAS e SMITH, 2009; HUGHES, 2000). O modelo social surge, então, com o objetivo de oferecer resistência a esta perspectiva medicalizada da deficiência, e é um produto da crítica ao capitalismo (HUGHES, 1999).

Este modelo rejeita a visão de que a deficiência é causada pela presença de um "defeito", e transfere o foco do corpo para o ambiente e as barreiras que excluem as pessoas com deficiência da sociedade (THOMAS e SMITH, 2003).

No modelo social a pessoa com deficiência é construída por mecanismos de repressão cultural e institucional que policiam o corpo e o fabrico de um mundo inacessível. Esta abordagem foca um conjunto de causas estabelecidas externamente, ou seja, os obstáculos impostos às pessoas com deficiência que limitam suas oportunidades de participar na sociedade (BARNES et al, 1999). Para além disso, o modelo social considera uma vasta gama de fatores e condições sociais, tais como as circunstâncias familiares, suporte financeiro, educação, mercado de trabalho, habitação, transporte e o ambiente físico, entre outros.

4. MATERIAL E METÓDOS

Para consecução deste estudo, foi realizada uma análise de conteúdo dos artigos de quatro destacados jornais impressos, a saber: os brasileiros O Globo e O Estado de S. Paulo; e os portugueses Jornal de Notícias e Público. A escolha foi baseada na conjugação de múltiplos critérios: a circulação, o grau de reputação junto das audiências, e pelo fato de os jornais

serem produzidos nos principais pólos urbanos de cada país, Rio de Janeiro e São Paulo no Brasil, e Porto e Lisboa em Portugal, respectivamente.

Examinamos, então, os enquadramentos adotados pela imprensa brasileira e portuguesa associados a momentos de sucesso e de revés dos atletas paralímpicos. A questão de base da investigação prende-se com a tentativa de validar conforme verificado num estudo recente se, mesmo na atualidade, a "(...) deficiência costuma ser apresentada nos veículos não especializados como incapacidade (...), enfatizando-se as limitações e omitindo-se as potencialidades" (MERKX 2007, p. 7). Isto é, se a imprensa tende a privilegiar o estereótipo do super-herói ou o estigma do coitadinho. O primeiro, apesar de aparentemente positivo, reforça as baixas expectativas que a sociedade tem em relação às pessoas com deficiência, uma vez que a mídia utiliza primordialmente tal estereótipo no caso dos atletas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004). O segundo reside na ideia de que as pessoas com deficiência são vítimas, incapazes de fazer algo por elas mesmas, e que precisam de auxílio. Além disso, elas são vistas como inadequadas, incapazes de preencher as normas e expectativas culturais (BRITTAIN, 2004).

Ao procedermos à análise de conteúdo, tornou-se necessário a construção de um sistema categorial que nos guiasse pelo material a ser analisado. Pelo que passamos a apresentar tal sistema:

Quadro 01 – Sistema Categorial empregado na Análise de Conteúdo

Categoria	**Sub-categoria**	**Unidade de Registro**
Estereótipo	Coitadinho	Vítima Sofrimento/Doença Incapaz Fardo Mal/Problema Anormalidade Triste
	Super-herói	Super-atleta Corajoso Superação Exemplo

Quanto ao período de análise, elegemos os Jogos Paralímpicos como momento de análise por sua grandiosidade; é o segundo maior evento desportivo do mundo em número de participantes e provas, e importância social. Dessa forma, nos é mais conveniente encontrar informações sobre os atletas com deficiência neste período, pelo que, então restringimos a análise entre o dia anterior à cerimônia de abertura dos Jogos até ao dia subsequente à cerimônia de encerramento (inclusive). Organizamos então o seguinte período: 2008/Pequim – de 5 a 18 de Setembro.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Muito freqüentemente os meios de comunicação "constroem" e enquadram as pessoas com deficiência em suas histórias e imagens, retratando-as como diferentes ou como pessoas que não se enquadram na sociedade. Sendo assim alguns autores (HALLER, 2000) vêm as representações midiáticas não como disseminações de informações, mas sim como um enquadramento e um reforço de uma visão específica sobre as pessoas como deficiência. Dessa forma as atitudes acerca destes indivíduos a partir das representações midiáticas podem se desenvolver em um misto de piedade e inspiração pelo enfrentamento (ibidem). Segundo Kama (2004) o paradigma do coitadinho complementa o processo de objetificação da pessoa com deficiência, em que estes indivíduos se tornam a personificação de suas deficiências. E como são "imperfeitos" não são capazes de sobreviver independentes dos outros.

Por outro lado, os atletas com deficiência também são retratados como super-heróis e pessoas com habilidades extraordinárias para lidar e superar seus obstáculos. Essa imagem de super-heroísmo é problemática, uma vez que leva-nos à suposição de que todas as pessoas com deficiência devem esforçar-se heroicamente para superar suas limitações e ajustar-se (SCHELL e DUNCAN, 1999).

Os dados de nosso estudo revelam que ambos os estereótipos foram registrados (Quadro 01). De acordo com Moura (1993, p.46) tanto o olhar de piedade quanto o de admiração parte de um único princípio, o preconceito.

> [...] tanto aquele que foi marginalizado pela visão pública de deficiência como aqueles que conseguiram [...] [se] mostrar em condições de competitividade são de certa forma vistos publicamente como elementos não humanos: um pela sua história e seu modo precário de vida, como elemento sub-humano, o outro pelo inverso da mesma moeda – da deficiência – como um super-humano.

Quadro 02 - Porcentagem dos estereótipos registrados em ambos os países

	2008	
	Brasil	Portugal
Coitadinho	44%	22%
Super-herói	56%	78%

As raízes do preconceito contra as pessoas com deficiência são profundas. Durante séculos, contos de fadas retrataram de forma estigmatizada, e mais recentemente as histórias em quadrinhos relacionam criminalidade e deficiência. Alguns autores afirmam que os estereótipos divulgados pela mídia são reflexos dos medos e ansiedades do público, ou seja, nós evitamos falar sobre a possibilidade da deficiência, em nós ou em alguém próximo, e o que tememos geralmente estigmatizamos (LONGMORE, 1985).

No Brasil não há uma tendência entre os tipos de estereótipos, sendo que as taxas permanecem equitativas, mostrando um equilíbrio entre os dois estereótipos, com tendência para o super-herói.

Em Portugal a situação é um pouco diferente, pois o estereótipo de super-herói é o que impera. Aqui as taxas de ocorrência apresentam diferenças significativas. A explicação para este fato pode ter origem no projeto "Super Atleta", instaurado a partir de 2004, com campanhas publicitárias, apelo direto ao público, associação de patrocinadores, podendo ser este o responsável pelo grande aumento do estereótipo de super-herói em Portugal, pois influenciou a mídia na forma como se refere a estes atletas. A tendência para o estereótipo de super-herói vai ao encontro de outros estudos feitos em âmbito internacional (SCHELL e DUNCAN, 1999; SMITH e THOMAS, 2005).

O estereótipo do coitadinho perpetua a imagem das pessoas com deficiência como objetos de pena. Neste estigma as pessoas são geralmente retratadas como vítimas de um trágico destino, como incapazes, dependentes, o que as diminui, degrada e desumaniza, mostrando-as como passivas e dignas de cuidado e pena (NELSON, 1994). O estereótipo de super-herói lida com a luta comovente de alguém que enfrenta o trauma da deficiência, e com grande coragem, perseverança e determinação triunfa ou sucumbe heroicamente (NELSON, 1994). De acordo com Hardin e Hardin (2004) este tipo de estigma é mais comumente voltado para os atletas com deficiência, e desencadeia duas ideias: primeiro, a deficiência não é socialmente construída, mas é equivalente a uma limitação que pode e deve ser superada pela dedicação dos indivíduos; e, segundo, por padrão, todas as pessoas com deficiência que não atingem esse tipo de performance são consideradas preguiçosas e sem auto-disciplina. Ou seja, este estereótipo faz com que as outras pessoas com deficiência que não realizam feitos extraordinários sejam julgadas negativamente (KAMA, 2004).

Este modelo pode ser considerado pelo imaginário popular como positivo por conta de suas proezas super-humanas, mas, na verdade reforça preconceitos e não muda a construção cultural da deficiência (ibidem). Passemos agora a analisar as unidades de registro encontradas em cada um dos estereótipos.

Quadro 03 – Porcentagem das unidades de registro do estereótipo Coitadinho

	Brasil	Portugal
Vítima	75%	50%
Sofrimento/Doença	25%	0%
Incapaz	0%	0%
Fardo	0%	50%
Mal/Problema	0%	0%
Anormalidade	0%	0%
Triste	0%	0%
Vítima	0%	0%

A vitimização das pessoas com deficiência reforça o paradigma do coitadinho pois complementa o processo de objetificação da pessoa com deficiência, em que estes indivíduos se tornam a personificação de suas deficiências (ibidem). O propósito da unidade

de registro "vítima" e "sofrimento/doença", seria, portanto, o de evocar compaixão e caridade, por se centrarem na tragédia pessoal destes atletas. Além de ser vista como causadora de sofrimento às pessoas, nesta unidade vemos que a deficiência ainda é considerada como doença. Esta visão está de acordo com o modelo médico que defende que a deficiência é causada por uma doença, limitação e que incorpora sofrimento e algumas desvantagens sociais.

Outra unidade de registro encontrada é Fardo. Descrever as pessoas como fardo reflete a visão de que o dever impele a família, amigos, ou a sociedade a atender as necessidades destes indivíduos. Ao mesmo tempo, temos a ideia de que um fardo é difícil de suportar e é também evitado. Dessa forma essa visão desumaniza os atletas com deficiência (NELSON, 1994).

Quadro 04 – Porcentagem das unidades de registro do estereótipo Super-herói

	Brasil	Portugal
Super-atleta	0%	0%
Corajoso	0%	40%
Superação	86%	60%
Exemplo	14%	0%

O estereótipo de super-herói está ainda mais presente na cobertura midiática analisada. Como foi dito anteriormente, este modelo é comumente aplicado aos atletas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004; SCHANTZ e GILBERT, 2001) e exacerba os já existentes desafios que a pessoa com deficiência enfrenta (HARDIN e HARDIN, 2004). Em Portugal as unidades mais utilizadas neste estereótipo são o de "superação" e "corajoso", no Brasil a situação é bem semelhante, pois além de "superação", o "exemplo" também é registrado.

A superação é a principal representação do super-herói, pois o atleta com deficiência supera vários obstáculos, principalmente sua própria deficiência, e triunfa. O estereótipo do super-herói corresponde precisamente à noção de realizações heróicas (SCHELL e DUNCAN, 1999) através da superação de obstáculos quase intransponíveis. Esta unidade de registro, ao mesmo tempo em que destaca a ideia de superação de barreiras e obstáculos está

constantemente atrelada ao discurso que exalta o sofrimento do atleta e sua tragédia pessoal.

Dessa forma os super-heróis servem como modelos, exemplos de pessoas com deficiência que superaram as dificuldades e tornaram vitoriosas. Uma metáfora comum é a do lutador que mobiliza recursos internos a fim de combater a deficiência, contra todas as expectativas, o lutador sobrevive em um mundo hostil, e torna-se um símbolo venerado (KAMA, 2004). O que nos leva à segunda unidade de registro mais utilizada, o exemplo. Os paratletas são considerados exemplos de superação e sacrifício.

Apesar de os atletas sem deficiência também serem representados de forma heróica pela mídia, tal representação é mais prejudicial aos atletas com deficiência pois perpetua a noção de que todos os indivíduos com deficiência devem lutar heroicamente para superar suas deficiências, independentemente de custos pessoais (SCHELL e DUNCAN, 1999).

6. CONCLUSÃO

Ao veicular quaisquer acontecimentos e informações, a mídia institui um contrato de leitura, um vínculo com seu leitor, telespectador, ou ouvinte. Quando retratam um acontecimento, a mídia não é somente reprodutora de informações, mas produtora de sentidos, já que se caracteriza como lugar de construção simbólica dos acontecimentos. Nesta perspectiva, acrescenta-se que não há objetividade jornalística, como pregam alguns autores, pois a produção de uma notícia é uma atividade simbólica, realizada por um indivíduo social, que mobiliza estratégias próprias para estabelecer seu modo de dizer e produzir sentidos. Apesar de não se saber de forma definitiva qual a influência que meios de comunicação têm sobre a sociedade, sabemos da particular importância dos mesmos na representação das pessoas com deficiência, pois além de refletir as percepções do público, têm um papel fundamental na formulação destas percepções.

Por fim, voltamos a nossa questão de base da investigação, que prendia-se com a tentativa de validar, conforme verificado num estudo recente, que mesmo na atualidade, a deficiência costuma ser apresentada nos veículos não especializados como incapacidade (...), enfatizando-se as limitações e omitindo-se as potencialidades (MERKX 2007). Isto é, se a

imprensa tende a privilegiar o estereótipo do super-herói ou o estigma do coitadinho. Podemos dizer que esta hipótese foi confirmada, visto que ambos os estereótipos foram encontrados, com tendência do uso mais frequente do estigma do super-herói, tanto no Brasil quanto em Portugal. Outros estudos já evidenciaram que a presença de ambos os estereótipos é frequente nos meios de comunicação.

Muitas investigações sugerem que os atletas com deficiência são representados de forma negativa pelos meios de comunicação em geral – impresso, rádio, televisão –, através do uso de terminologia inadequada, e de estereótipos que enfatizam a deficiência e não o atleta. Diversos estudos prévios, indicam que há influência da cultura em relação às atitudes acerca das pessoas com deficiência, no entanto não há um consenso sobre o porquê de tais diferenças. Com nosso estudo percebemos que a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos Brasil e Portugal apresentam mais semelhanças do que diferenças. Este fato pode ser explicado pela proximidade cultural entre os países, antes colônia e metrópole, e hoje considerados países irmãos, e que por isso partilham não só a mesma língua, mas também algumas práticas culturais.

7. BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125. 2001.

AUSLANDER, Gail K. e GOLD, Nora. **Media reports on disability**: a binational comparison of types and causes of disability as reported in major newspaper. Disability and Rehabilitation, 1999. Disponível em http://dx.doi.org/10.1080/096382899297404. Acesso em 24 Mar. 2008.

BARNES, C., MERCER G. e SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability.** A Sociological Introduction. Cambridge: Polity Press, 1999.

BRITTAIN, Ian. Perceptions of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. **Journal of Sports & Social Issues**, v. 28, p. 429-452. 2004.

CALVO, A. P. S. **Desporto para Deficientes e Media**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade do Porto, Porto, 2001.

CORREIA, F. **Jornalismo e Sociedade**. Lisboa: Editorial Avante, AS, 2000.

HALLER. B. If they limp, they lead? News representations and the hierarchy of disability images. In D. O. BRAITHWAITE e T. L. THOMPSON (Eds.), **Handbook of communication and people with disabilities,** CA Lawrence Erlbaum Associates: San Diego, 2000.

HARDIN, M. e HARDIN, B. **The Supercrip in sport media**: Wheelchais athletes discuss hegemony‟s disabled hero. Sosol, 7, 2004. Disponível em: http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7il/v7il.html. Acesso em 15 Mar. 2008.

HUGHES, B. The constitution of impairment: modernity and the aesthetic of oppression. **Disability & Society**, v. 14, n. 2, p. 155-172. 1999.

HUGHES, B. Medicine and the Aesthetic Invalidation of Disabled People. **Disability & Society**, v. 15, n. 4, p. 555-568. 2000.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, v. 29, p. 447-466. 2004.

LONGMORE, P. K.. Screening Stereotypes: Images of Disabled People. **Social Policy**, v. 16, n. 1, p. 31-37. 1985.

MARQUES, C. A. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MOURA, L. C. M.. **A deficiência nossa de cada dia**: de coitadinho a super-herói. São Paulo: Iglu, 1993.

NELSON, J. A. Broken Images: Portrayals of those with disabilities in American media. In J. A. NELSON (Ed.), **The Disabled, the media, and the information age**, v. 1, n. 17. CN: Greenwood Pres, 1994.

PEREIRA, O. . **Representações Sociais dos Atletas Paralímpicos nos Media Impressos Portugueses** – estudo efectuado em dois Jornais Diários Generalistas e dois Jornais Diários Desportivos. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade do Porto, Porto, 2008.

PONTES, B., NAUJORKS, M. I. e SHERER, A. **Mídia Impressa, Discurso e Representação Social**: A Constituição do sujeito deficiente. 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/2001/np11/NP11PONTES.pdf > Acesso em: 10 mar. 2007.

SCHANTZ, O. e GILBERT, K. An Ideal Misconscructed: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, v. 18, p. 69-94. 2001.

SHELL, L. e DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS‟s Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quartely**, v. 16, p. 27-47. 1999.

SMITH, A. e THOMAS, N. The “inclusion” of elite athletes with disabilities in the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport, Education and Society**, v. 10, p. 49-67. 2005.

THOMAS, N. e SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport Education and Society**, v. 10, p. 49-67. 2003.

THOMAS, N. e SMITH, A.. **Disability, Sport and Society** – An Introduction. Nova York: Routledge, 2009.